

Encontro 2024

de 4 a 14 de Abril Arte & Património



Livro de Resumos

ENCONTRO
ARTE & PATRIMÓNIO
2024

LIVRO DE RESUMOS

TÍTULO

Encontro Arte & Património 2024 – Livro de Resumos

ORGANIZAÇÃO

David Silva, Luís Henriques, Odília Teixeira

SECRETARIADO

Mónica Gonçalves

EDIÇÃO

ACROARTE

DESIGN CAPA

Salomé Flores

COLABORAÇÃO

Solar dos Noronhas | MPMP | Hotel São Jorge Garden

Urzelina, Ilha de São Jorge, 2024

<https://acroarte.hcommons.org/encontro-2024/>

Esta quinta edição do Encontro Arte & Património apresenta-se, após alguns anos de interregno, num novo espaço seguindo, todavia, alguns dos moldes anteriores. Após algum tempo de reflexão, foram selecionados os aspetos que resultaram ao longo destas edições anteriores: falar e discutir sobre assuntos da História da Arte, bem como da Conservação e Restauro, e ouvir património musical (concerto de piano com comentário). Nesta edição iremos literalmente para a oficina: as instalações onde o ACROARTE tem vindo a desenvolver a sua atividade nos últimos 24 anos.

Nas conferências das edições anteriores procurámos combinar comunicações sobre temas gerais da História da Arte e da Conservação e Restauro com particularidades do que se vai fazendo e estudando sobre as ilhas dos Açores. No entanto, este ano, em resultado das propostas apresentadas pelos nossos convidados, teremos muito possivelmente a edição com mais temas açorianos em todas as já realizadas. Estendem-se desde a arte e intervenção no convento da Caloura (Ilha de S. Miguel); património Jesuíta menos conhecido nos Açores; intervenção na Rua de Santo Espírito em Angra e a sua histórica Ribeira dos Moinhos (Ilha Terceira); às problemáticas dos arquivos religiosos açorianos, que ainda têm tanto para desvendar; e aos desafios da conservação e restauro de pinturas de grandes dimensões. Não nos esqueçamos também da frutífera colaboração entre o etnomusicólogo Michel Giacometti e o compositor Fernando Lopes-Graça nas recolhas que realizaram do património musical português (incluindo o açoriano).

Este ano retomamos as oficinas, com uma dedicada à realização de Ícones, orientada por Mónica Mauro, que concluirá com a abertura de uma exposição na Galeria de Arte do Solar dos Noronhas.

Também neste espaço irá decorrer o concerto de encerramento do Encontro, este ano com a novidade de serem apresentadas novas sonoridades relativamente às edições anteriores. Iremos ouvir um programa que estará centrado nos compositores Fernando Lopes-Graça e no jorgense Francisco de Lacerda, com comentário por Duarte Pereira Martins.

A Organização

OFICINA
DE
INICIAÇÃO
SOBRE O
ÍCONE

OFICINA DE INICIAÇÃO SOBRE O ÍCONE

Por ocasião do aniversário do ACROARTE, Monica Mauro aceitou a proposta de participar com uma pequena oficina de iniciação sobre o “ÍCONE”, podendo assim dar a conhecer um pouco dessa antiquíssima tradição artística cristã que aprendeu a apreciar sob muitos aspetos.

É uma arte que remonta aos primeiros séculos do cristianismo e a tradição atribui a São Lucas os primeiros modelos da Mãe de Deus, de São Pedro e de São Paulo. Em alguns ícones e iluminuras São Lucas é representado enquanto pinta Nossa Senhora com o Menino Jesus inspirado por um anjo.

Ao longo dos séculos esta tradição manteve-se viva na Igreja do Oriente até hoje, enquanto no Ocidente perdeu-se na Idade Média, principalmente a partir de Giotto, para ser redescoberta depois do Concílio Vaticano II de 1965.

A sua fascinante técnica remonta aos egípcios, aos gregos e aos romanos, mas o seu estilo de representação tem as suas raízes mais profundas no Céu, porque tenciona comunicar realidades metafísicas e espirituais.

Com essa Arte o transcendente tornou-se símbolo, o invisível tornou-se visível através de formas e cores que fazem a ponte entre Céu e Terra, podendo elevar a alma do próprio pintor, tornando o pintar uma forma de oração.

É possível falar de Ícone Sacro naqueles casos em que é pintado por um Santo e tendo por isso o ícone o poder de elevar também as almas dos fiéis.

“O ícone, ponto material deste mundo, abre uma brecha; o Transcendente irrompe nele e as ondas sucessivas da sua presença transcendem qualquer limite e preenchem o universo” (Pavel Evdokimov).

MONICA MAURO
formadora

Monica Mauro nasceu em Roma em 1976. Ama desenhar e é apaixonada pelas cores desde criança. Em 1994 começa a fazer alguns trabalhos de pintura artística em vidro, até que em 2005 entra num curso profissional de decoração pictórica e *trompe l'oeil*, estagiando numa obra de restauro de pintura mural em Roma junto de restauradores do Instituto do Restauro de Roma. O estágio foi uma ocasião de descoberta e também a oportunidade de começar a trabalhar no âmbito da conservação e restauro do património artístico em que continua até hoje em Portugal, onde vive desde 2014, conhecendo a ACROARTE em 2017.

A sua formação não é de tipo académico, mas nasceu ao lado de profissionais especializados do setor que partilharam generosamente o seu conhecimento plurianual e aos quais é muito agradecida. A paixão e o compromisso com aquilo que faz, a leva a tentar sempre melhorar as suas capacidades e ampliar os seus conhecimentos. Sente-se sempre aprendiz.

Conheceu a arte do ícone já há alguns anos através da “Associazione Archeosofica”, os textos de T. Palamidessi, P. Evdokimov, P. Florenskij, entre outros, e este encontro abriu novas perspetivas sobre a arte em geral e sobre a experiência religiosa em particular. Além disso, a técnica é em si fascinante e partilha com todo o gosto, não como “professora”, mas sim como apreciadora e aprendiz.

CONFERÊNCIAS
(COMUNICAÇÕES)

ARTUR GOULART DE MELO BORGES

Igreja do Convento da Caloura
Notável exemplo do culto imaculista

A pequena igreja do Convento da Caloura, em S. Miguel, Açores, cujo início como Ermida dedicada a Nossa Senhora da Conceição Fr. Agostinho de Santa Maria no seu *Santuário Mariano* apontava como “a primeira que debaixo deste muito agradável título se lhe edificou em toda a ilha”, é um especial exemplo do barroco insular. Destaca-se, após as grandes intervenções nos séculos XVII e XVIII, e sobretudo devido ao recente restauro a cargo da ACROARTE, o entalhado dos altares e decoração dos confessionários, o revestimento azulejar da nave, capela-mor e fachada e a pintura do teto. Este teto, com uma cartela central e debruado com uma sequência de outras em esplendorosas molduras barrocas, preenchidas com citações bíblicas e do ofício divino, manifesta todo um programa de louvor à Imaculada Conceição, sobre que trata esta comunicação.

Natural de Velas (S. Jorge), Açores. Licenciado em Arqueologia Paleocristã, em Roma, Itália, com estudos de pós-graduação em Museologia e História da Arte. Professor do Seminário Maior de Angra de 1962 a 1978. Curso Superior Livre de Estudos Árabes. Comunicações a Congressos e Colóquios sobre Estudos Árabes em Portugal, em especial sobre epigrafia. Técnico superior do Museu de Évora de 1979 a 1999, e Director de 1992 a 1999. Integrado em várias antologias de poesia açoriana. Um livro de poemas “No fio das palavras” (2010) e um de crónicas “Açores e Alentejo no mesmo barco” (2021). Vogal da Comissão Diocesana dos Bens Culturais da Igreja, da Arquidiocese de Évora e, de 2002 a 2014, coordenador do Inventário do Património Artístico Móvel da Arquidiocese de Évora. Colaborador com o Secretariado Nacional dos Bens Culturais da Igreja, em cursos, conferências e seminários relacionados com o Património Religioso. Autor do projecto museológico e organização do Museu de Arte Sacra de Elvas e do núcleo museológico de Arte Sacra na Igreja de São Francisco, de Évora.

•

MARIA JOÃO PEREIRA COUTINHO
IHA – NOVA FCSH/IN2PAST

‘tam sadios ares, tam nobres casarias.’
Quintas de recreio da Companhia de Jesus nos Açores

A presença dos jesuítas no arquipélago dos Açores até à sua primeira expulsão nos domínios portugueses, tal como a historiografia tem sublinhado, foi marcada pela fundação de três colégios (Angra, Ponta Delgada e Horta), bem como pela fruição de um conjunto de espaços, menos referidos, destinados à recreação, como sucedeu com algumas quintas desse instituto religioso. Para além de proporcionarem algum descanso aos membros da comunidade, essas propriedades destinavam-se ainda à produção agrícola, contribuindo, assim, para o sustento do colégio que as geria. Possuíam, na sua maioria, residências, dotadas de bens móveis que proporcionavam o conforto necessário para as estadas ou para breves suetos. Estas encerravam ainda nos seus interiores as alfaías necessárias para a celebração. Partindo da expressão *‘tam sadios ares, tam nobres casarias’* usada pelo padre António Cordeiro, s.j. na *História insulana* para caracterizar uma dessas quintas e de exemplos como a quinta da Pateira, a quinta de Belém, a quinta da Estrela ou a quinta da Silveira ou do Penedo do Alcaide, entre outras, pretende-se com esta comunicação ampliar o conhecimento desse património da Companhia de Jesus.

Maria João Pereira Coutinho é doutora em História (especialidade em Arte, Património e Restauro), pela Universidade de Lisboa, e investigadora contratada do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde desenvolve a investigação "Arquitetura, escultura e ornamento: transferências artísticas na Assistência Portuguesa (S.I.) nos séculos XVI-XVIII", financiada por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), no âmbito da Norma Transitória – [DL 57/2016/CP1453/CT0046]. Foi investigadora responsável do seed-project "Uma História "em construção". Artistas e Artífices nos espólios de Francisco Rodrigues, S.J. (1873-1956) e de Serafim Leite, S.J. (1890-1969)". Tem publicado, como autora e co-autora, em publicações nacionais e internacionais. É ainda membro da Sociedade Portuguesa de Estudos de História de Construção (SPEHC) e da Societé Internationale d Études Jésuites (SIEJ).

•

DUARTE PEREIRA MARTINS

Melodias Rústicas Açorianas – a manutenção do património musical a partir da obra de Fernando Lopes-Graça

A utilização de música regional (ou tradicional) nas composições de cariz erudito é uma prática transversal a várias épocas e compositores na História da Música. Em Portugal, reconhece-se a Fernando Lopes-Graça (1906-1994) a principal ação, ao longo de todo o séc. XX, para a inclusão de cantares e danças portuguesas no seu corpus musical. Este trabalho do compositor português revela-se em praticamente todos os géneros musicais a que se dedicou – sobretudo na música vocal (quer coral, quer solística), mas também nas obras para piano – e não deve ser analisado sem registar a influência da sua parceria com o etnomusicólogo francês Michel Giacometti (1929-1990), fundador dos Arquivos Sonoros Portugueses e considerado o principal dinamizador das recolhas etnográficas em todo o território português, que percorreu regularmente a partir de 1950.

O presente estudo debruça-se sobre as melodias regionais açorianas utilizadas por Lopes-Graça na sua obra, sobretudo as que foram vertidas para os três cadernos de *Melodias Rústicas Portuguesas*, para piano solo e piano a quatro mãos, compostos num período em que a sua escrita atingira já uma maturidade explícita na consistência com que trabalhava os materiais musicais – e que é hoje facilmente reconhecível e deveras inconfundível. Embora esta não seja a única obra em que o compositor utiliza o folclore e os cantos tradicionais portugueses como inspiração temática, melódica e harmónica, este é um dos conjuntos mais representativos da grande riqueza cultural de todo o território português, não esquecendo as ilhas. Este trabalho, que será também apoiado num concerto a ter lugar no dia 14 de Abril de 2024, na ilha de São Jorge, visa uma breve apresentação e análise destas canções, compreendendo-as como uma ferramenta para que este património musical se mantenha vivo.

Mestre em Estudos e Gestão da Cultura pelo ISCTE e licenciado em piano pela ESML, concluiu o curso do Conservatório Nacional com a classificação máxima. Premiado desde o início do seu percurso musical em diversos concursos de piano, apresenta-se regularmente em concerto por todo o país e no estrangeiro, em diversas formações, com destaque para a divulgação do património musical português. Trabalha em duo com o violoncelista Nuno Cardoso (202 Campos Elíseos), com a soprano Sofia Marafona (Duo Interdito) e com o pianista Philippe Marques – com quem editou já três CD, dois no projeto “Bailados Portugueses” e também as “Melodias Rústicas Portuguesas” de Fernando Lopes-Graça. É Presidente da Direção do MPMP Património Musical Vivo, associação que fundou e na qual tem sido responsável por diversos concertos e gravações inéditas – note-se a gravação integral das sonatas de João Domingos Bomtempo (por Philippe Marques) e da obra para tecla de Carlos Seixas (por José Carlos Araújo). Foi diretor executivo da Glosas entre 2017 e 2020. É professor assistente na Universidade de Évora.



HÉLIO NUNO SOARES
(CEHR-UCP/Diocese de Angra)

Arquivos Religiosos: desafios e identidades dum património jorgense”

A génese do documento arquivístico ocorreu quando a humanidade percebeu a necessidade de registar seu pensamento, sua cultura, estilo social e político, assim aconteceu com a Igreja Católica na sua orgânica interna. Podemos dizer que os *bens culturais eclesiais* são um património específico da comunidade cristã que urge preservar nas suas diferentes tipologias, entre os quais estão os arquivos religiosos.

A documentação conservada nos arquivos dos diferentes organismos da Igreja Católica é um património imenso e precioso. Basta considerar o grande número de arquivos que se formaram após a presença e a atividade dos bispos nas suas dioceses; da atividade de cada paróquia e as dinâmicas dos seus grupos internos, como a catequese, os movimentos e as associações; das centenas de irmandade e confrarias. No entanto, todos estes arquivos estão sujeitos às mais diversas vicissitudes históricas, sejam elas políticas, sociais e naturais.

Desde 2023 que está em curso o projeto *DIO500: História Religiosa dos Açores (1427-2016)* que visa promover o estudo, a preservação, a

organização e a divulgação do património religioso dos Açores, seja católico ou não, enquanto instrumento de construção da memória coletiva e da história da sociedade açoriana. Assim, a ilha de S. Jorge, com as suas gentes, com a sua identidade religiosa, forjada na herança da Fé cristã, no isolamento, nos cataclismos e nas busca pela sobrevivência, produziu um vasto património arquivístico que testemunha o desenvolvimento histórico das comunidades cristãs. Este património está disperso por diferentes acervos paroquiais, diocesanos e públicos. É urgente identificar, preservar, divulgar e estudar, como instrumento para a pastoral e fonte de promoção da pesquisa histórica.

O Hélio Nuno Soares é doutorando em História Moderna e Contemporânea na Universidade de Salamanca, com o tema "O culto e a devoção ao Senhor Santo Cristo dos Milagres (1700-1965)"; possui mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento e é licenciado em História pela Universidade dos Açores. Estudou Filosofia e Teologia no Seminário Episcopal de Angra. Leciona disciplinas nas áreas da história e património, como professor assistente convidado, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores. É investigador colaborador do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR-UCP) e investigador colaborador do CHAM – Centro de Humanidades da Universidade dos Açores e Universidade Nova de Lisboa. Participou no Projeto Thesaurus, promovido pelo Secretariado Nacional dos Bens Culturais da Igreja, para a inventariação do património da Igreja Católica, na sua implementação nos Açores; integrou o projeto Index-PRIMA que realizou o inventário do património religioso e arquivístico de algumas paróquias da ilha de São Miguel. Integra o Serviço Diocesano dos Bens Culturais da Igreja da Diocese de Angra e a Comissão Coordenadora do projeto DIO 500: História Religiosa dos Açores (1427-2016). No âmbito do projeto DIO 500, promove e organiza atividades académicas e de divulgação, que potenciem a discussão e a investigação sobre essas temáticas. Possui bibliografia publicada nas áreas de história religiosa, património religioso e alguns estudos sobre a história social e antropológica dos Açores.



RICARDO ÁVILA RIBEIRO

Neoépica - Arqueologia e Património

A Intervenção Arqueológica na Rua de Santo Espírito 38-46: um caso de Salvaguarda Patrimonial na cidade de Angra do Heroísmo

O conjunto arquitetónico intervencionado, corresponde, com algumas alterações, a uma fase construtiva enquadrável na primeira metade do século XVIII, altura em que esse se adapta à fluência hídrica da Ribeira

dos Moinhos. Os trabalhos decorridos no piso 0 do edificado, revelaram diversos elementos donde se destaca um troço, perfeitamente preservado, daquela infraestrutura hidráulica. Tratando-se esta ribeira encanada um dos elementos estruturantes da urbe angrése, com construção lançada ainda no século XV, foi reforçada a urgência do seu registo, preservação, e a sua futura valorização.

Por seu turno, os trabalhos arqueológicos desenvolvidos no exterior, ao nível dos pisos 1 e 2, revelaram contextos preexistentes ao edificado atualmente visível. A estes foi possível associar e recuperar um apreciável conjunto de repertório artefactual, de produção quer local, quer forânea, remontando aos finais do século XVI/inícios do século XVII.

Sumariamente, estamos perante um conjunto patrimonial relevante, com características únicas, que concentra, num mesmo espaço edificado, uma longa diacronia de testemunhos arqueológicos, inteiramente preservados que atribuem a este sítio especial relevância para a contínua construção do conhecimento da História da cidade de Angra do Heroísmo.

Licenciado em História Variante Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Mestrando em Arqueologia e Território pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Inicia a sua atividade profissional em 1999, integrando e dirigindo vários projetos de reabilitação urbana decorrentes da iniciativa Porto Capital Europeia da Cultura 2001, e obras da Metro do Porto. Realiza posteriormente trabalhos de minimização de impactos da implantação das infraestruturas de Alqueva, promovidas pela EDIA. Colabora em programas de reabilitação urbana em Santarém, e nas Polis de Silves e Tomar. Em 2010, é responsável pelo acompanhamento arqueológico da implantação do Sistema Multimunicipal de Abastecimento de Água e de Saneamento do Alto Zêzere e Côa, e Alargamento ao Mondego Superior. Em Trás-os-Montes, dirige trabalhos relacionados com o Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor. Entre 2014 e 2016, assume a direção dos trabalhos afetos à conversão dos Antigos Armazéns Sommer (Lisboa) em empreendimento turístico (Aurea Museum Hotel), desenvolvendo, até ao presente, vários trabalhos de investigação em parceria com especialistas académicos das áreas do Património. Desde 2020, realiza trabalhos arqueológicos no âmbito da Salvaguarda Patrimonial nos Açores, tendo foco principal na cidade de Angra do Heroísmo. É autor de diversos artigos científicos ligados à Arqueologia e Património.

•

Os desafios na conservação e restauro de pinturas sobre tela de grandes dimensões

Todo património material de grandes dimensões apresenta exigências no que diz respeito à manutenção, monitorização, preservação e restauro. Como tal, as pinturas sobre tela de grande formato são um desafio, exigindo um estudo prévio, detalhado, bem planeado e ponderado, seja na elaboração da proposta, como também da própria intervenção.

Motivado pelo interesse em transmitir as especificidades e dificuldades implícitas nos procedimentos de conservação e restauro de pinturas de grandes dimensões, este trabalho resultou no levantamento dos estudos e das metodologias das intervenções adotadas às pinturas sobre tela de grandes dimensões, realizadas em *atelier*. Reuniram-se as principais causas de deterioração comuns a este tipo de pintura e os procedimentos de intervenção que estas obras exigem. Considera-se transporte um dos maiores riscos e desafios das grandes pinturas, tornando-se num factor de elevado custo e ponderação, devido à exigência no que diz respeito à execução da respetiva embalagem de transporte da obra, uma vez que terá de apresentar resistência e segurança, tanto no seu manuseamento como no seu transporte.

Assim sendo, o presente trabalho pretende transmitir as dificuldades e soluções adaptadas em intervenções de conservação e restauro de pinturas sobre tela de grandes dimensões, recorrendo aos exemplos de trabalho realizado pelo ACROARTE. Abordar-se-á a metodologia de trabalho adaptada às grandes dimensões das telas, que respeitam o conceito ético e deontológico da conservação e restauro, travando os problemas de degradação, estabilizando os materiais constituintes e o restauro da sua leitura simbólica e artística.

Mónica Duarte Gonçalves, Conservadora Restauradora, concluiu a Licenciatura em Conservação e Restauro em 2014 e Mestrado em Conservação e Restauro em 2018, pelo Instituto Politécnico de Tomar, com especialização em pintura de cavalete. É colaboradora

do ACROARTE desde 2015, desempenhando funções em diferentes áreas da conservação e restauro do património móvel, integrado e património industrial.



LUÍS HENRIQUES
CESEM-UÉvora, IN2PAST

moderação

Luís Henriques é doutorado em Música e Musicologia – variante de Musicologia pela Universidade de Évora, mestre em Ciências Musicais, variante de Musicologia Histórica pela NOVA FCSH e licenciado em Música, variante de Musicologia pela Escola de Artes da Universidade de Évora. É colaborador no pólo da Universidade de Évora do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESEM), MPMP e ACROARTE. Foi fundador e diretor do Ensemble da Sé de Angra e Ensemble Eborensis, com quem realizou atuações no continente português, Açores e França. Atualmente desenvolve o projeto Canto Mensurable através da redação de um blog, a preparação de edições musicais e colaborações com grupos musicais na elaboração de programas de concerto. Os seus interesses de investigação centram-se na polifonia vocal sacra portuguesa dos séculos XVI e XVII, em particular, do Sul de Portugal, bem como a sua continuidade no século XVIII; a música sacra nas ilhas açorianas e os estudos de paisagem sonora histórica.

CONCERTO
DE
PIANO
COMENTADO

DUARTE PEREIRA MARTINS e PHILIPPE MARQUES, piano

PROGRAMA

Francisco de Lacerda

(1869-1934)

Bruma

Par la brume...

Clair de lune

Chant de la montagne

Oraison dominicale des Castors

(das *Trente-six histoires pour amuser les enfants d'un artiste*)

Fernando Lopes-Graça

(1906-1994)

Melodias Rústicas Portuguesas

1.º caderno (1957)

- | | | |
|-------|--------------------------------------|----------------------------------|
| I. | <i>Melro, meu melrinho</i> | [Vinhais, Trás-os-Montes] |
| II. | <i>Os amores da Azeitona</i> | [Soalheira, Beira Baixa] |
| III. | <i>Senhora Santa Combinha</i> | [Santa Combinha, Beira Alta] |
| IV. | <i>Anda o fogo no velho</i> | [S. Miguel d'Acha, Beira Baixa] |
| V. | <i>Canto pastoril</i> | [Alcobaça, Estremadura] |
| VI. | <i>Laranja da China</i> | [?, Beira] |
| VII. | <i>Os meus olhos são dois peixes</i> | [Nespereira, Douro Litoral] |
| VIII. | <i>As almas do Purgatório</i> | [Vale-de-Cântaro, Beira Litoral] |
| IX. | <i>Chamaste-me extravagante</i> | [Serpa, Alentejo] |
| X. | <i>Padre, Filho, Espírito Santo</i> | [Ilha Terceira, Açores] |
| XI. | <i>Salta o paspalhão p'ró meio</i> | [Malpica, Beira Baixa] |

XII. *Toada de aboiar* [Lage, Vila Verde, Minho]

2.º caderno (1967)

- II. *Os Reis Magos* [São Jorge, Açores]
III. *Não canteis a valsa* [Póvoa-do-Lanhoso, Minho]
VI. *Aí vem a sapateia* [Ilha Terceira, Açores]
XIII. *O meu menino é d'ouro* [Ribeirada, S. João de Fontoura, Douro Litoral]
XIV. *O rei e a pastora* [Malpica, Beira Baixa]
XV. *Recordai, fiéis cristãos* [Vila Nova de Anços, Beira Litoral]

3.º caderno (1979)

- I. *Canto do S. João*
II. *Este ladrão novo*
IV. *S'nhora da Póvoa*
V. *Oração de S. José*
VI. *Pastoril transmontano*
VII. *A virgem se confessou*
VIII. *Canção de berço*
XI. *Maragato son*

O duo formado pelos pianistas Duarte Martins e Philippe Marques aborda o património musical para piano solo, piano a quatro mãos e dois pianos com especial ênfase para a descoberta e revitalização do repertório de autores portugueses de todas as épocas.

Ativo desde 2008, o grupo tem-se apresentado com regularidade em todo o país, bem como em recitais em Paris (2012 e 2014) e em seis capitais de estado brasileiras (a propósito da digressão levada a cabo em 2014 pelo MPMP), em recitais comentados e espetáculos temáticos. Cruzando obras canónicas com descobertas inéditas, o grupo apresentou estreias de autores como Eli Camargo Jr., João Pedro Oliveira, Sérgio Azevedo, Hugo Ribeiro, Luís Salgueiro e Edward Ayres d'Abreu, bem como estreias contemporâneas de compositores dos séc. XIX e XX como Alfredo Keil, Tomás Borba, Joly Braga Santos e Ruy Coelho, entre outros. O duo criou o projeto Bailados Portugueses visando a interpretação de arranjos para piano de peças escritas para bailado, trabalho pioneiro no que diz respeito à música deste género de compositores portugueses. Esta coleção viu já dois CD editados: em 2020, o disco intitulado “La fièvre du temps”,

com música de Igor Stravinski, Maurice Ravel, Ruy Coelho e Fernando Lopes-Graça; em 2023, “A Menina Dança?” com música de Frederico de Freitas e Sergei Prokofiev. O trabalho em torno da música de Lopes-Graça, que se consubstanciou numa parceria com a companhia de bailado Dança em Diálogos, levou ainda ao lançamento de um outro projeto discográfico, no número 26 da coleção melographia portuguesa: os três cadernos de “Melodias Rústicas Portuguesas”. Próximas apresentações incluem a digressão nacional deste último projeto.

Duarte Martins é mestre em Estudos e Gestão da Cultura pelo ISCTE, licenciado em piano pela Escola Superior de Música de Lisboa, na classe de Jorge Moyano, e concluiu o Conservatório Nacional com a classificação máxima, tendo aí estudado com Hélder Entrudo e Carla Seixas. Premiado em diversos concursos, apresenta-se em concerto em variadas formações, com destaque para a canção com piano e para o repertório musical português. Estreia regularmente obras de compositores contemporâneos portugueses. É Presidente da Direcção e membro fundador do MPMP Património Musical Vivo. Foi director executivo da Glosas – Revista de Música entre 2017 e 2020. É professor assistente na Universidade de Évora.

Philippe Marques concluiu o Mestrado em Música e o Mestrado em Ensino da Música na Escola Superior de Música de Lisboa – instituição onde se licenciou – com a máxima classificação, sob a orientação de Miguel Henriques, tendo antes estudado com Catherine C. Paiva e Hélder Entrudo. Apresenta-se regularmente em concerto como solista e músico de câmara, em Portugal e no estrangeiro, dando particular ênfase à música de compositores portugueses. Estreou-se com orquestra em 2011, interpretando o primeiro concerto de Franz Liszt. Gravou a integral das sonatas de João Domingos Bomtempo, bem como um CD dedicado a obras de câmara inéditas de Ruy Coelho. Lecciona piano na Escola Artística de Música do Conservatório Nacional.

Promovido por

ACROARTE®

CONSERVAÇÃO E RESTAURO

"Existimos para dar futuro ao passado"

Colaboração

mpmp Património
Musical Vivo



SOLAR DOS
NORONHAS

S. Jorge
Hotel
★★★ Garden